



Ὁ Μητροπολίτης Μπουένος Άϊρες Ἰωσήφ

HOMILIA

Domingo de Ramos

*«Nações, por que temeis? Escribas e sacerdotes, que coisas vãs estais a especular,
indagando-vos quem são as crianças que clamam com hinos:
Bendito é aquele que vem em Nome de Nosso Senhor, o Salvador'».*

(IV Ode das Matinas da festa)

Após a ressurreição de Lázaro os eventos se precipitam. Aqueles que querem tentar contra a vida de Jesus tomam a decisão final. Jesus, por sua vez, decide voluntariamente ir a Jerusalém para cumprir a *«Economia»*, com o plano divino que ele havia de cumprir antes de todos os tempos. A notícia da ressurreição de Lázaro se espalha rapidamente. As pessoas comentam que o «Profeta», esse personagem tão complexo e discutido - embora taumaturgo-, chegará à Grande Cidade. Eles O esperam nos portões da cidade e, ao entrar com seu cortejo, é aplaudido pela multidão.

*«O-QUE-É louvado pelo Querubins e glorificado pelos serafins cavalga sobre um filhote de jumento — **Davídicamente** — e as crianças O aclamam divinamente. Os gentios, no entanto, injustamente O insultam. O sentar-se sobre o pequeno jumento prediz — é prefiguração — que a desobediência infiel dos povos será transformada em fé. Glória a Ti, Cristo, o único misericordioso e filantropo»* (Idiômelo de Vésperas da festa). A hinografia da festa exalta o **paradoxo** do Deus glorioso montado sobre um jumentinho, ou seja, a **teofania** que revela a onipotência de Deus de uma maneira totalmente divina - θεοπρεπῶς -, ou seja, *«inversa»* à maneira e lógica humanas. Enquanto

os poderosos da terra ostentam seu poder visível e materialmente, aquele que é Todo-Poderoso por natureza o manifesta ocultando-o. Em outras palavras, a forma divina quintessencial de manifestação é a humildade.

Já observamos isso em outras ocasiões. A encarnação e a natividade do Logos são exemplos concretos. Sua paixão e morte, o zênite. O Cristo-Messias se revela em cada signo, mas também em cada gesto, em cada palavra, em cada movimento, em cada ação, em cada silêncio. *É que para alguns, quando se dá a conhecer se oculta; e para outros, quando se esconde se revela.* Tudo depende da «receptividade» do receptor e da intenção do Teântropo: *sinergia instantânea e intuitiva!*

E é assim que se dá (a conhecer) Deus. O assombro da »Parusia«, ao contrário do «*fronema*» do homem caído, traduz-se em uma indeclinável simplicidade e muitas vezes em *um profundo silêncio.* *E passa despercebido, quando esperamos uma intervenção extraordinária e deslumbrante.*

É que não estamos acostumados com a humildade. É difícil para nós entender e, conseqüentemente, praticar essa virtude verdadeiramente «real». E, certamente a humildade tem a ver com a «*kenosis*», ou seja, com esse processo de esvaziamento que se deve alcançar para que sejamos preenchidos com o «*totalmente-Outro*». Claro que a humildade pressupõe autoconhecimento. Quem se autoconhece é necessariamente humilde, pois, sabendo quem é, voluntariamente se esvazia — se *des-faz* — para dar lugar, espaço, entidade ao Outro e aos outros. Então, se desaparece nos outros nos quais se **re-conhece** e se **identifica**, sem perder, por mínimo que seja, a sua alteridade.

Cristo é a humildade personificada. Plenamente consciente de sua identidade divino-humana não está longe de se revelar quando entra em Jerusalém montado sobre um pequeno jumento. *Sequer monta o jumento, mas a sua cria.* O gesto, o simbolismo, sempre presente no agir do Logos irá decantar dias depois no *summum* da virtude nos eventos de seu aprisionamento, julgamento, tortura, paixão e morte.

O drama destes últimos dias é um *crescendo* de humildade, que atinge seu limite na própria morte na cruz. Humildade levada ao ridículo? Quiçá, para a lógica dos «sensatos» deste mundo. O Logos de Deus se faz escárnio - anátema - enquanto os homens depositam sobre Ele toda a barbárie e negatividade que voluntariamente assume - assimila - para anulá-las para sempre em seu próprio Ser. Humildade sobre humildade; esvaziamento sobre esvaziamento; anulação sobre a anulação.

Assim, se revela o Poder de Deus. Para intuí-lo, para vivê-lo é necessário **transmutar** a maneira de conceber as coisas por uma totalmente inversa. Subsiste o paradoxo levado ao seu máximo alcance e expressão. Essa **transmutação** é outra faceta do processo chamado **metanoia**. Quando o ser interior se re-conhece tal como é – imagem e semelhança do Arquétipo –re-verte a maneira de pensar. Deixa de pensar o cérebro e agora intui o centro do ser chamado pelos Padres e ascetas de «coração».

Por fim, a humildade é a garantia da total liberdade do ser. Só o ser livre é humilde; e vice-versa. E, por isso, Cristo, «o *Livre por excelência*», decide revelar sua glória e poder como Deus entrando «gloriosamente» em sua amada Jerusalém montado sobre um jumentinho: que melhor maneira de desafiar os poderosos desta terra? Toda imagem é um símbolo de grande poder: o homem, Deus; o animal, a natureza caída do homem; as crianças, as potestades Angélicas; Jerusalém, a glória pré-eterna do Deus Unitrino.

Eis aqui a extrema humildade: o Deus feito homem para que o homem possa se fazer Deus.

Καλή Ανάσταση!!!